

Uma Constituinte conservadora

NOV 1986

por **AM**
Maurício Guaracy
de São Paulo

A provável composição da Assembléia Nacional Constituinte é tranquilizadora para os investidores estrangeiros. De acordo com o diretor executivo da Câmara Americana de Comércio para o Brasil, Ercole Carpentieri Júnior, eles acompanharam com interesse o desenrolar da apuração dos votos, e o resultado das eleições teve "um bom efeito psicológico", que favorece a retomada de investimentos estrangeiros no Brasil, a partir de 1987.

O primeiro "reflexo psicológico" positivo das eleições foi afastar da Assembléia Constituinte a sombra do comunismo. "Nenhum deputado do PCB foi eleito", observou Carpentieri Jr. Segundo ele, entre as mudanças que poderiam ser acarretadas com a Constituinte — "e qualquer expectativa de mudança, em princípio, inibe os investimentos", disse — a possibilidade de ampliação da influência comunista representava uma fonte de temor para os executivos das grandes empresas es-

trangeiras com interesse no Brasil.

"O comentário mais frequente entre os membros da Câmara Americana é de que esta será uma Constituinte conservadora e de centro", disse Carpentieri. Essa análise é positiva ainda, porque também há a impressão de que a maioria dos constituintes está investida de um propósito liberal e progressista. "O investidor internacional procura sempre o país em que o comércio seja o mais livre possível", afirmou.

Nesse sentido, segundo ele, o protecionismo brasileiro e as restrições de comércio no setor tecnológico ainda transferem uma imagem negativa do País ao investidor estrangeiro. Carpentieri acredita, porém, que está afastada a possibilidade, dentro da Constituinte, de endurecimento brasileiro em relação às empresas estrangeiras. "É claro que se durante os debates houver uma tendência clara pela nacionalização das empresas estrangeiras, por exemplo, isso deverá preocupar, mas no momento está fora de cogitação."

Para o diretor executivo da Câmara Americana,

além da expectativa da Constituinte, outros fatores interferiram fortemente para a queda brusca dos investimentos estrangeiros no Brasil neste ano. "A queda se deve a todo o conjunto de problemas", disse Carpentieri. Segundo ele, os investidores aguardam também com ansiedade as medidas de ajuste do Plano Cruzado, que já podem ter inibido os investimentos desde o princípio do ano. "Houve certamente uma paralisação dos negócios

para que os investidores vissem como ficava a economia", avaliou.

Diante das mudanças frequentes no panorama econômico, o investidor estrangeiro tende a retrair-se mais que o nacional. "Quem está no seu próprio mercado sempre tem mais segurança, e por isso as empresas nacionais começaram a investir". Ele salientou, porém, que também nesse caso os investimentos não são ainda pesados.

GAZETA MERCANTIL

ANC 88

Pasta Novembro/86

082

A presença da França

por **CL**
Cristina Lemos
do Rio

A França não se está retirando do Brasil nem diminuindo seus investimentos em função de o País adotar medidas protecionistas que amparem as indústrias nascentes. A afirmação foi feita no Rio pelo presidente da Câmara de Comércio Brasil/França, Jean Pierre Simonot, que, inclusive, defendeu a adoção de medidas protecionistas como forma de viabilizar o parque industrial brasileiro.

Apesar de a balança comercial entre os dois países ser superavitária para o Brasil, Simonot defendeu que o País triplique as suas exportações. Na sua opinião, a França não deveria exigir medidas que reequilibrem a balança comercial entre os dois países, mas sim conseguir

acordos comerciais de interesse daquele país. "Todos os países desenvolvidos deveriam comprar mais produtos brasileiros, porque assim o País terá condições de pagar a sua dívida externa", observou.

O Brasil, segundo ele, é o primeiro parceiro comercial da França na América do Sul. Simonot acha que o Brasil é uma das melhores opções de investimento no mundo, não só pelo seu grande mercado, mas, principalmente, pelo espírito empresarial do executivo brasileiro.

Ao contrário dos Estados Unidos, Simonot garante que a França não tem nenhuma restrição contra a reserva de mercado brasileiro para a informática. Entretanto, defende que ela seja extinta gradativamente.